PECUÁRIA LEITEIRA

BOA EXPECTATIVA PARA 2019

TALITA PRISCILA PINTO
Pesquisadora do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (GV Agro)

ESPERA-SE QUE, em 2019, a produção de leite seja estimulada. A expectativa é de que haja uma retomada do crescimento econômico, aumentando o poder de compra da população e, com isso, o consumo de lácteos. O cenário de demanda aquecida faz com que os produtores não fiquem tão reféns de preços, já que há uma maior possibilidade de ajuste entre oferta e demanda. A realização desse cenário vai depender do sucesso das medidas tomadas pelo novo governo.

Além disso, o setor precisa articular-se para diminuir tamanha vulnerabilidade a fatores tão diversos. Uma boa alternativa seria a maior adesão dos produtores às cooperativas. O sistema cooperativista permite que produtores de diferentes tamanhos se tornem mais competitivos juntos. Entre os benefícios, estão aumentar o poder de barganha, conseguir melhores preços pelo leite, baixar custos, receber assistência técnica e aumentar suas margens de lucro. Os benefícios gerados por cooperativas apresentam-se como soluções para os principais obstáculos encontrados por produtores e que acabam se estendendo ao longo de toda a cadeia produtiva. No Brasil, cerca de 40% da produção leiteira passa por cooperativas; portanto, ainda há um grande espaço para que o setor se fortaleça e para que diminua cada vez mais a sua vulnerabilidade, principalmente dentro da porteira.

COMO EVOLUIU O MERCADO

Nas últimas décadas, a atividade leiteira, constituída de milhares de pequenos produtores, tem evoluído de forma contínua no Brasil, apresentando um crescimento constante da produção. Essa trajetória possibilitou que o País se tornasse um importante *player* na produção mundial de leite. Dados recentes disponibilizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam uma *performance* bastante competitiva no cenário internacional, com o Brasil como quinto maior produtor mundial, fornecendo cerca de 7% de todo o leite produzido no mundo. Além disso, no mercado interno, o setor emprega mais de 2 milhões de pessoas e contribui com 5,55% do Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuário e 16,28% do VBP da pecuária, com valor de cerca de R$ 31,29 bilhões*.

A produção leiteira, além de ser pulverizada entre pequenos produtores, está presente em todas as

SHUTTERSTOCK



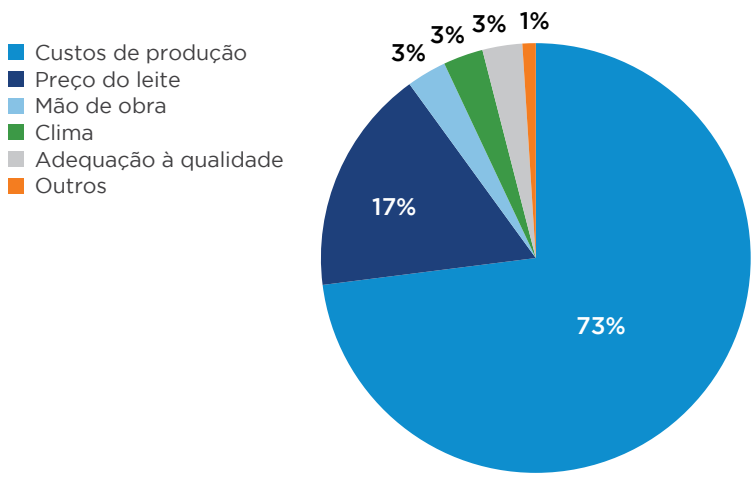
regiões brasileiras e em mais de 99% dos municípios do País, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da sua relevância econômica, o setor é um dos que mais enfrenta desafios para se manter de pé. Há fatores constantes, como a volatilidade dos custos de produção e dos preços pagos aos produtores, que afetam de forma significativa a margem de lucro dentro da porteira. Além disso, o Brasil não é autossuficiente e depende do mercado externo para abastecer a demanda doméstica. E, finalmente, o leite é um produto altamente perecível, e eventos isolados, como a greve dos caminhoneiros em 2018, podem desestabilizar toda a cadeia produtiva do setor.

A trajetória de crescimento da produção foi rompida em 2015 e 2016, anos em que a produção apresentou quedas consecutivas, evento inédito desde 1974, quando os primeiros levantamentos começaram a ser divulgados pela Pesquisa Trimestral do Leite (PTL). Apesar das retrações, a produção retomou, já em 2017, a trajetória de crescimento. Entretanto, dados da PTL mostram que, nos três primeiros trimestres de 2018, a produção voltou a cair. Para entender um pouco mais sobre essas oscilações, é importante considerar que há diversos fatores que contribuem para o desempenho da pecuária leiteira. Alguns merecem destaque, já que se apresentam como desafios para o setor: custos de produção; preços pagos ao produtor; preços praticados no atacado e no varejo; e desempenho do mercado externo.

Em 2015 e 2016, a redução da produção foi afetada pela crise econômica brasileira, que retraiu o Produto Interno Bruto (PIB) e a renda das famílias, causando diminuição no consumo de bens e serviços de maneira geral. Em adição à crise econômica nacional, os preços do leite praticados no mercado internacional estiveram em seus mais baixos patamares históricos, fazendo com que o produto nacional perdesse competitividade em relação ao mercado externo.

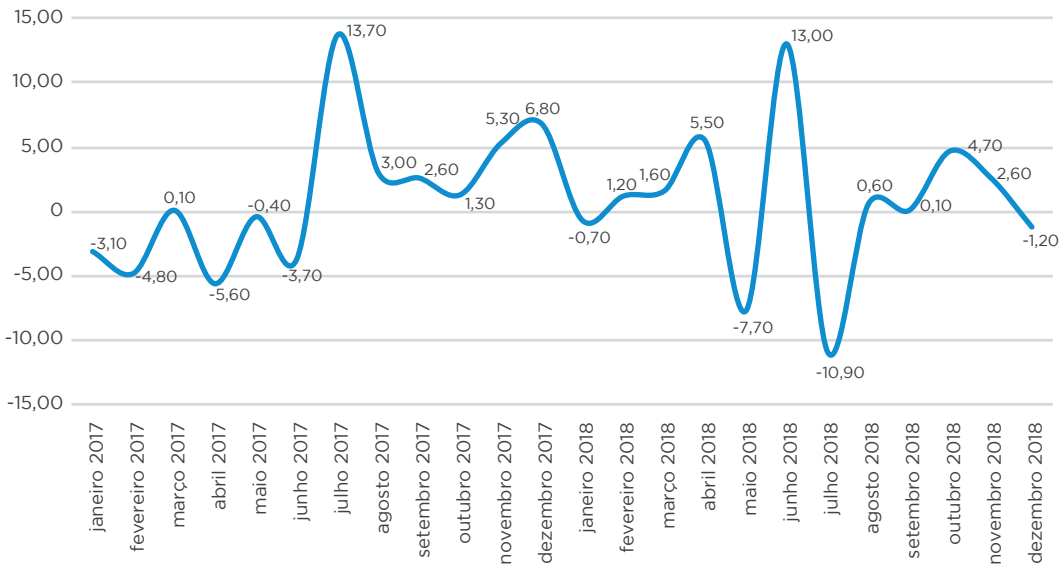
Já no final de 2016, esse cenário começou a se reverter, e o ano de 2017 parecia devolver um novo fôlego para o setor. Ainda no final de 2016, tanto o mercado interno quanto o externo contribuíram de maneira favorável: internamente, houve uma elevação do preço pago ao produtor e uma redução dos custos de produção; e, externamente, os preços praticados voltaram a subir. Em 2017, a produção nacional voltou a crescer, e o volume foi cerca de 5,0% maior em comparação ao do ano anterior. Aparentemente, com a reestabilização econômica do País, o setor conseguiria respirar aliviado. O que se viu foi o oposto: o consumo não acompanhou o crescimento da oferta, e os preços pagos ao produtor tiveram uma queda expressiva no segundo semestre do ano.

PRINCIPAIS DESAFIOS ENCONTRADOS POR PRODUTORES DE LEITE NO BRASIL



Fonte: adaptado de MilkPoint (2016)**

VARIAÇÃO % DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE LATICÍNIOS EM RELAÇÃO AO MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal/IBGE

A queda dos preços tornou a atividade impraticável para muitos produtores, que acabaram abandonando a atividade ou reduziram seus investimentos, alterando novamente a dinâmica setorial. Ao final de 2017, o resultado foi de queda da produção, seguida por elevação dos preços. Entre janeiro e junho de 2018, o preço médio do leite já havia subido 26,2% em termos reais. Entretanto, esse aumento foi de apenas 2% de maio a junho. Nesse período, houve um elemento surpresa que, literalmente, parou o País: a greve dos caminhoneiros.

Entre 21 de maio e 3 de junho de 2018, o Brasil deparou-se com uma greve generalizada dos caminhoneiros. O agronegócio brasileiro foi um dos setores mais fortemente impactados, já que o funcionamento das suas atividades produtivas depende em larga escala da logística e, em especial, do modal rodoviário. Dentro do agronegócio, a perecibilidade do leite o tornou uma das maiores vítimas desse movimento. O sistema de preços foi desorganizado, e a perdas não ficaram restritas à supressão da receita; a indústria de leite e derivados como um todo foi atingida.

A paralisação interrompeu a captação de leite, e parte da produção foi descartada. De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), durante apenas os cinco primeiros dias da paralisação, houve completa interrupção da coleta de leite por parte das maiores empresas de laticínios que operam no País, o que gerou o descarte de 280 milhões de litros. Em valores monetários, essa perda foi avaliada em torno de R$ 360 milhões. Além do descarte do leite, houve falta de ração para os animais. Com a falta de comida, os produtores tiveram que reduzir a produção de leite por animal.

Além dos impactos observados no curto prazo, os efeitos da greve foram sentidos ao longo de todo o ano. Como não houve fornecimento de insumos, o ciclo produtivo dos animais foi prejudicado. Além disso, as empresas depararam-se com a escassez de insumos para reestabelecer sua produção. Durante o mês de maio de 2018, a produção de laticínios foi 7,70% inferior à produção do mesmo mês em 2017. A redução da oferta de leite, de um modo geral, valorizou o produto em 2018. ■

*Mês de referência: janeiro de 2019
**Disponível em: https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/pesquisa-desafios-2016-custo-de-producao-e-o-maior-desafio-da-atividade-neste-ano-98732n.aspx